

1912

Abril 6



N.º 11

Volume 1.º

A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.^a
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

A MASSACHUSETTS

AND ITS HISTORY

BY JOHN W. COOPER



A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 6 de Abril de 1912

XXXVIII — O Fado. *Opereta portugueza em 4 actos, de João Bastos e Bento Faria, musica de Philippe Duarte.* (Theatro Apollo 28 de Março)

O FADO de João Bastos e Bento Faria, que o Apollo poz agora de novo em scena, é uma peça longa, fastidiosa e triste como uma noite de inverno — para empregar linguagem condizente com o seu sentimentalismo ingenuo e chorudo. Quizeram os auctores, que não pouparam nas personagens, fazer com ella uma opereta retintamente portugueza, passada em meados do seculo XIX, e não resta duvida que escolheram como motivo fundamental um thema attrahente, o bello *di* o fado, já aproveitado por D. João da Camara em *A Rosa Engeitada*.

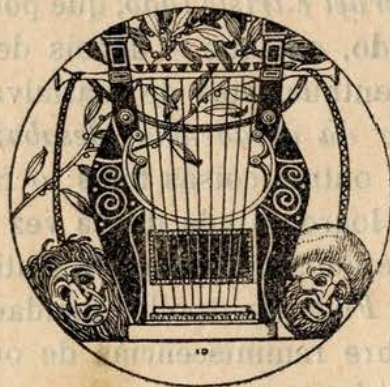
Infelizmente, *o cruel e triste fado*, que pode vir a dar panno para mangas; o fado, em que — depois de ser batido a preceito por gerações entusiastas de marialvas — é moda agora bater, como *canção da decadencia, desabafo de criminaes*, e não me lembro que outras coisas feias; o fado, tão portuguez e tão vibrante, não logrou ainda d'esta vez o poema que merece — poema, sobretudo, de lyrismo e sentimento, que são o que mais falta a *O Fado* do Apollo, moldado mui prosaica e romanticamente sobre reminiscencias de outros tempos e de typos mais que sabidos.

Valendo, pois, muito pouco como entrecho — e visto ser conhecido, não o descreverá **A Mascara** — *O Fado* só se sa-

lienta pela musica: um trabalho, em verdade, de folego e paixão. Apesar do seu maestro, por vezes, se repetir sem necessidade, e de, noutras, se limitar á mera transcripção de certas toadas populares, sem as desenvolver nem fundir no conjunto, não representa favor o afirmar que a agradabilissima, melancholica e sentida partitura constitue, em importancia e meritos, uma das melhores producções de Philippe Duarte.

No desempenho d' *O Fado*, as partes de mais responsabilidade couberam a artistas novos, com muito pouco tempo e pouca pratica de scena, do que a execução da obra se resente deveras. Ilda Ferreira, na contrariada *Maria*, esteve funebre e chorosa demais. Com a sua figura insinuante, que faz pena não ver vestida com mais gosto, Ilda Ferreira é uma esperançasinha. Nada perderia, no emtanto, em se mostrar em scena menos aborrecida. Carlos Machado, um principiante muito supportavel, precisa de renunciar á exagerada fixidez do olhar e áquellas hirtas attitudes, em que parece petrificado. Na *Magdalena*, estreou-se uma actriz, Hermengarda Pereira, muito inexperiente do palco. Luctando com uma voz cavernosa e velada, cuja falta de sonoridade uma pessima dicção agrava, não se lhe percebe uma palavra quando canta.

E nada mais, porque na estirada peça entra meio mundo...



XXXIX—Prosa vil por Albino Forjaz
de Sampayo. (Santos & Vieira, editores.
Lisboa)

QUEM DESDENHA QUER COMPRAR. . . diz o rifão. Para Albino Forjaz de Sampayo, conviria modificar ao proverbio o verbo final. *Quem desdenha quer*. . . vender, seria o caso de se dizer, para esse chronicante moço, namorado da gloria dos escandalos, desejoso de alarmar o rancor publico, de espicaçar a curiosidade e a freguezia, com titulos depreciadores, rebaixantes, pejorativos, para os seus volumes, muito contrafeitamente rebeldes e muito ingenuamente malcreados, como *Palavras cynicas*, *Chronicas immoraes*, e agora *Prosa vil*—obrasinhas sem cynismo, sem immoralidade, e sem vileza, que me lembram uvas a cahir de maduras, rotuladas chamareiramente como verdes, para ludibriar o faro titubeante das raposas.



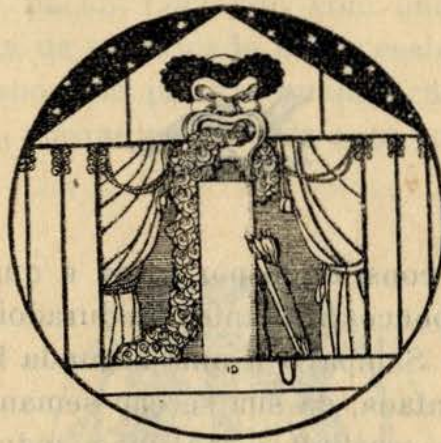
No *Prosa vil*, constituido por trinta e quatro breves chronicas, no geral pouco brilhantes e duradoiras, convida-nos Albino Forjaz de Sampayo a uma segunda leitura, por vezes correcta e augmentada, da sua secção semanal d' *A Lucta*, e como os trechos escolhidos são quasi todos de fresca data, d'ahi que o ephemero livro não abunde em interesse de maior.

Como chronista, tem Albino Forjaz dois capitaes defeitos: a falta de individualidade e a obceção das citações. Antes de se entregar á sua tarefa, dir-se-hia que Forjaz de Sampayo trata de revestir um feitio que se sente não ser o seu, empenhando-se em se fingir perverso, iconoclasta e bohemio, quando, na realidade, é um sentimental, um idolatra e um trabã-

lhador. Ora a sinceridade — prova melhor de um temperamento — é em arte predicado tão efficaz e necessario, quanto o postigo é defeito traidor e engeitavel.

Da sua obcecação pelas citações, mais concludente demonstração custaria a topar do que o facto de, neste pequeno volume de duzentas e poucas paginas, figurarem quatro, a duas columnas, com um *Indice dos Auctores Citados*, segundo se usa em obras de outro character.

Não considero a citação inimiga da chronica, quando lhe serve de ponto de partida, adorno ou exemplo. Albino Forjaz de Sampayo, porem, bibliophilo enternecido e leitor contumaz, exagera o seu emprego, transformando alguns artigos seus em authenticos paliteiros de alheias palavras, onde a prosa do auctor fica reduzida ao minimo, como naquella tauromachica anecdotada da rez que, depois de farpeada por todos os lados, ostentando muita madeira e papel de cor em cima de si, já quasi nada tinha de boi.



XL — O Sol da Meia Noite. *Comedia em 3 actos, traducção livre do allemão por J. de Freitas Branco.* (Theatro Nacional Almeida Garrett 29 de Março)

ESSA parva medida de isemptar o ex-Normal de certos requisitos reportoriaes, começa a produzir os nefandos effeitos, que não dependia de ser bruxo para se adivinharem. Por ella, o governo da Republica, tão parco em espalhar sementes de vida, lavrou a sentença de morte d'esse agonisante theatro do Rocio. a que, para maior ignominia, se deu o nome glorioso e vilipendiado de *Almeida Garrett*, com a ironia do *Nacional*, em vespervas dos *Vinte mil dollars* — motivo mais que bastante para chrismar o casarão em *Recreio Familiar*.

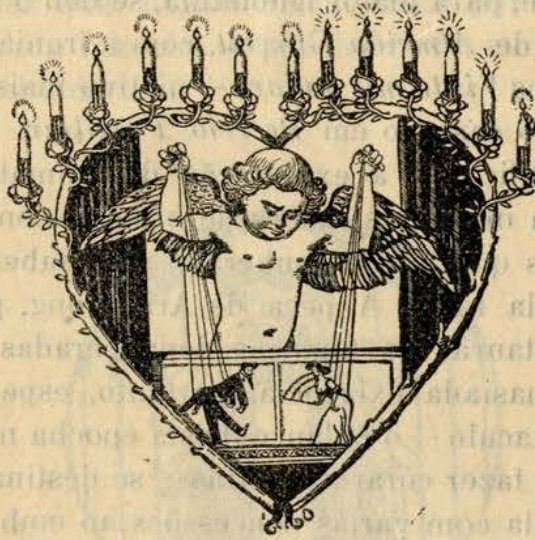
Tentou justificar-se a exploração da animatographica fita americana com inferiores razões de ordem economica; o que só fez sorrir os que nunca souberam, nem saberão, perdoar a falta d'arte pela fome. A peça de Armstrong, porem, teve o condão de restaurar as finanças depauperadas da empresa. Não seria demasiada exigencia, portanto, esperar que o seu segundo espectaculo — o balanço d'esta epocha no *Nacional*... annuncia-se de fazer córar as pedras — se destinasse a alguma obra, que, ainda com varias concessões ao embrutecido paladar do respeitavel, luzisse alguns vislumbres de bom theatro.

Nada d'isso aconteceu. O anonymo *Sol da Meia Noite*, uma deslavada baixa-comedia germanica, com situações equivoacas, ditos escabrosos, baboseiras de arrepiar, e, para mais desaforo, escripta numa linguagem de palco reles, representa o peor insulto que ao theatro portuguez ultimamente se tem feito, e, se em Portugal existisse, de facto, alguma coisa que de longe sequer correspondesse a uma Direcção de Instrucção Publica, a ssuas representações seriam immediatamente suspensas em nome do decoro nacional aggravado e do ultrajado

hom senso patriótico, que não devera consentir que, a dentro do primeiro theatro portuguez, do pseudo-theatro escola, com os alumnos do Conservatorio por figurantes, alguns espectadores conscientes tivessem de tapar a cara envergonhados, ao passar cá fora pelo busto do fundador.

Na deprimente patacoada, que tem dois actos passados a bordo de um vapor de recreio, o *Augusta Victoria*, ha algumas personagens que enjoam no primeiro acto.

O chronista d' **A Mascara** — declara-lo-ha sem rebuço — enjoou durante todo aquelle inclassificavel despauterio.



XLI—Estreia de Rosario Pino. Rosas de otoño. *Comedia em 3 actos de Jacinto Benavente.* El Amor que pasa. *Comedia em 2 actos de Serafin e Joaquin Alvarez Quintero.* (Theatro da Republica 1 de Abril)

PORTUGAL e a Hespanha, o pittoresco casal iberico—muito triste um e muito alegre a outra; uma muito vasta, o outro muito exiguo; paiz do Magriço o primeiro, e patria de Dom Quixote a segunda—a que a mesma peninsular cor encarnada irmana agora nas bandeiras, lá com o doirado do sol, cá com o verde do mar, são dois visinhos muito interessantes e orgulhosos, que, no fundo, se entendem ás mil maravilhas, mas que, como todos os visinhos que ás mil maravilhas se entendem, andam sempre a fingir que não querem saber um do outro, a inventar zangas e melindres, a assacar-se defeitos, a reprochar-se mais isto e mais aquillo.

Ha uma coisa, no emtanto, em que, apesar de siamezes pelo territorio, Portugal e a Hespanha—o galante trovador e a castellã irresistivel—não imitando os bons visinhos, parecem tão distantes como a Sicilia da Islandia, como o Etna do Hekla: na ignorancia reciproca das suas multiplas actividades.

É pecha fatal de todo e qualquer visinho, que se preza, seguir passo a passo, esquadrinhar, mexericar o mais possivel, a vida dos que lhe moram á beira. Pois, nesse ponto, muito principalmente no que se refere a materia litteraria e artistica—sem fallar do que em Hespanha succede quanto a identicas manifestações portuguezas—Portugal desconhece em absoluto o que a Hespanha moderna, a Hespanha creadora, a Hespanha, senhora, no passado, da mais maravilhosa litteratura do mundo, e fecunda ainda a estas horas, como sempre, em obras de belleza e colorido, pensa, realisa e produz.

Restringindo estas considerações ao moderno theatro castelhana, de que hoje, com aprazimento, me compete fallar, pode sem exagero affirmar-se que, descontadas algumas zarzuelas duvidosas, aqui trazidas todos os verões por uma companhia arranjada á pressa, Portugal ignora por completo tudo quanto em Hespanha se tem feito e tentado no theatro, de ha uns annos a esta parte, desde o theatro fallado do grande mestre da novella Pérez Galdós, aos poemas historico-lendarios de Eduardo Marquina; das scenas delicadas de Gregorio Martínez Sierra, aos ensaios em verso de Francisco Villaespesa e Ramón del Valle Inclán; dos quadros de costumes dos irmãos Quintero, quasi populares em Italia, ás comedias elegantes ou satyricas de Jacinto Benavente — auctores, estes ultimos, que Rosario Pino veiu agora revelar no Republica.



Esquecida a companhia Tubau-Palencia, e sempre lembrados os inolvidaveis espectaculos classicos de Maria Guerrero, ha muito que o Visconde de S. Luiz de Braga, consagrado monopolisador de celebridades, nos não facultava o prazer de escutarmos uma actriz hespanhola de drama ou de comedia, nesse seu generoso theatro de varia historia, que é, como se sabe, uma zona franca para a arte estrangeira.

Decidindo Rosario Pino — que pensa em retirar-se definitivamente de scena com uma solemne funcção de despedida em Madrid — resolvendo Rosario Pino, dizia eu, emprehender uma ultima, prolongadissima, excursão á America, e tendo de embarcar aqui, proporcionou-lhe o empresario do Republica o ensejo de cumprir uma sua já antiga promessa de dar em Lisboa algumas recitas — tres apenas, pois que o vapor não espera.

Realisou-se a primeira d'essas recitas na segunda-feira, com *Rosas de otoño* de Jacinto Benavente e *El Amor que pasa* de Serafin e Joaquin Alvarez Quintero.



Jacinto Benavente, cujo theatro orça por vinte volumes, a tres, quatro e mais peças cada volume, depois de ferozmente guerreado a principio, é actualmente um dos mimalhos do publico de alem-fronteiras, muito em especial do publico madrileno e da critica de Madrid, que, com a facilidade de hyperbole peculiar ao entusiasmo hespanhol, quasi chega a ver nelle um novo Shakespeare — e das obras de Shakespeare, um dos seus inspiradores predilectos, encetou recentemente o auctor da *Gata de Ángora* uma traducção integral.

Sem ser preciso agigantar-lhe o authenticico, maleavel e cultivado talento ás proporções compromettedoras de genio, ha que reconhecer em Jacinto Benavente um comediographo de assignalaveis faculdades, por vezes muito original e brilhante, outras fina e fundamente escarpellizador, outras ainda simplesmente frivolo e espirituoso, sempre attrahente e interessante, com muito pouco respeito pelas chamadas leis da scena e um enorme desprezo pelas convenções variaveis da rotineira moral social.

Para mim, no emtanto, a obra variada e volumosa de Jacinto Benavente enferma de um defeito grave, o qual consiste em o seu acclamado auctor só ter de verdadeiramente hespanhol a fecundidade — essa assombrosa e fecundissima facilidade, tradicional nos escriptores dramaticos da sua nação. No mais, apezar da pureza castiça da sua linguagem e do seu apregoado hespanholismo, Benavente é um espirito muito cosmopolita e internacional, com manifestas affinidades e influencias francezas, a quem sobra em leveza, ironia e paradoxo, o que lhe falta em cor, pittoresco e invenção — qualidades estas predominantes e distinctivas do theatro hespanhol em todos os tempos.

Todo o seu theatro, em que as almas se pintam com mais cuidado que as figuras, em que os caracteres abundam mais que os typos, é um theatro de meias-tintas, muito mais con-

versado que sentido, com mais espirito do que vida, um theatro, para assim dizer, confidencial, em que as personagens carecem de dizer em voz alta o que pensam, de se confessar e insistir nas confissões, para que as aprehandamos e conheçamos, o que, na tradicção gloriosa do estupendo theatro do visinho reino, os velhos auctores conseguiam, ás primeiras scenas, com duas ou tres pinceladas vigorosas.

Rosas de otoño é uma comedia de dialogo, muito chegada a Dumas filho, onde Jacinto Benavente, o feminino epistolographo das *Cartas de mulher*, patenteia e defende com enternecida ternura o phyloginismo mais declarado e exclusivista — uma obra toda em elogio e defeza da mulher, indicada para, se lida apoz algum drama furiosamente misogynico de Strindberg, nos levar a essa justa virtude latina do meio termo.

Em quasi todas as comedias de Benavente, ha uma especie de these, que do principio ao fim se discute e guia a acção. A conclusão, e ao mesmo tempo a razão do titulo, das *Rosas de otoño*, encerram-se nestas palavras: «Os amores alegres, os amores faceis que só conhecem a illusão e o desejo; veem numa breve primavera desfolhar-se todas as suas flores. Para o amor da esposa, para os amores santos e fieis que sabem esperar, é que são as nossas flores, as flores tardias, as rosas do outomno; não flores de amor, mas flores do dever, cultivadas com lagrimas de resignação, com perfume d'alma, alguma coisa de eterno».

Isabel, casada com *Gonzalo*, um D. João em constantes aventuras, vive, apezar do carinho com que o esposo a trata, torturada de ciumes, que o seu orgulho reprime com lagrimas escondidas e o seu amor abranda com laivos de esperança. Não recrimina por isso o marido, que, quando a pediu em casamento, era viuvo e tinha uma filha, *Maria Antonia*, que adora a madrasta. *Isabel* soube sempre amar, calar, soffrer e esperar. O mesmo não acontece a *Maria Antonia*, que, desconfiando de que o esposo a atraiçoa, opta pela pena de Talião, resolvendo entregar-se a um escriptor que a corteja. Salva-a do irreflectido passo o seu pudor — pudor que, segundo

Benavente, é mais forte na mulher que o proprio amor: *á que nasceu para honrada, custa-lhe muito deixar de o ser.*

Maria Antonia, como já o fôra sua mãe; como o tem sido *Isabel*, que sabe *Gonzalo* mettido na intimidade de um casal de aventureiros; como todas as mulheres, afinal; é victima da fatalidade sensual do homem, que o impelle a procurar sempre o prazer de novas mulheres, prazer que, sem interessar a maior parte das vezes o masculino coração, alanceia e contrista os corações que no lar o esperam — inevitavel escolho do matrimonio, que as verdadeiras esposas têm de vencer á força de resignação, de generosidade e de perdão. Assim pensa *Isabel*, uma *uxor dolorosa*, que Benavente ergueu mui alto.

O casal de aventureiros, fingidamente afrancezados, porem, encarrega-se de curar *Gonzalo* do seu impenitente donjuanism. Em seguida a um grande escandalo, elle chega finalmente a esse momento da existencia conjugal, em que o marido olha como que pela primeira vez, verdadeira, completamente, a consorte, reconhecendo que é ella, afinal, a unica mulher digna de amor, e, suspeitando graças ás fraquezas entravadoras da idade, que foi tolo em pretender descobrir fóra de casa o que tinha a seu lado, lhe beija as mãos carinhosas.

Ao reganhar todo para si o amor do esposo, *Isabel* alcança a felicidade, que teve a coragem de aguardar tão longo tempo. *Maria Antonia*, que tenta recusar o perdão, perdoa tambem ao voluvel marido, e o panno cahe de vez sobre os dois casaes reconciliados e contentes.

Rosario Pino, que é a sympathia, a meiguice, a affectuosidade communicativa, actriz de uma naturalidade perfeita, sem altos vôos de tragica, mas sem uma unica falha de equilibrio, de uma formosura discreta, com uns verdes olhos de magia e uma voz, que é das mais harmoniosas da scena hespanhola, viveu, mais do que representou, a resignada *Isabel* com arte segura, muita distincção, e muitissimo bom gosto.

O resto da companhia, composto de artistas modestos, a que o cartaz e os programmas se esqueceram de mencionar os nomes, assaz discretamente.



Serafin e Joaquín Alvarez Quintero, esses, sim, são dois auctores tudo o que ha de mais hespanhol, e dentro da Hespanha quanto existe de mais andaluz. Dois coloristas insignes, que, no seu genero muito especial de peças sem entrecho, meros quadros descriptivos, têm produzido uma serie formosa de aguarellas dramaticas, em que ao espirito mais gracioso se mistura um fio sentimental de melancholia, agradavel e desenfadonho.

Dois irmãos Quintero — só conhecidos, em Portugal, que me lembre, pela traducção do dialogo *Mañana de sol* — deu Rosario Pino, na primeira noite, a comedia, quasi um conto, *El Amor que pasa*, a que esses dois regionalistas puzeram por epigraphe a seguinte oitava do romantico Becquer :

*Los invisibles átomos del aire
en derredor palpitan y se inflaman ;
el cielo se deshace en rayos de oro ;
la tierra se estremece alborozada ;
oigo flotando en olas de armonía
rumor de besos y batir de alas ;
mis párpados se cierran . . . ¿ Qué sucede ?
— ¡ Es el amor que pasa !*

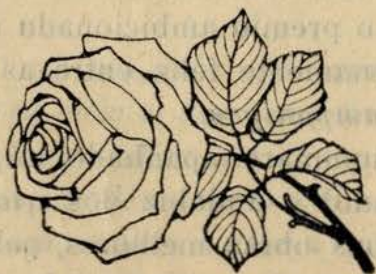
A scena é numa imaginaria — tão real — aldeia andaluza, Arenales del Rio. No primeiro acto estamos em casa de *Mamá Dolores*, esposa do borrachão *Don Rufino*, apaixonado da logica e polyglota. *Mamá Dolores*, que não tem filhos, é, em carinho e ternura, a mãe de todas as raparigas da terreola ; uma terreola onde, á falta de rapazes apresentaveis, todas as raparigas suspiram por um noivo, e em cujas ruas tristes *ha sempre, por detraz de cada janella, uma mulher que espreita e espera.*

A Arenales del Rio vem parar, só para a visitar, um rapaz

viajado, filho de uma antiga amiga de *Mamá Dolores*, *Alvaro*. A chegada de *Alvaro* põe em sobresalto todas as donzellas do povoado, á compita umas com outras a ver se alguma conquista o viajante, refractario ao matrimonio.

O encanto e os sorrisos de *Socorrto*, *Clotilde*, *Juanita* e *Isabel* conseguem reter o forasteiro mais tempo do que imaginava. *Socorrto*, principalmente, attrahe-o com os seus modos e dizeres de *pueblerina*. *Alvaro* sente-lhe a seducção prendente, embrigado pelo mysterio da sua mocidade em flor. Tem, comtudo, ideias assentes sobre a vida, da qual só a espuma o interessa, Ama demais a mulher para escolher uma só, e *Socorrto* interessa-o e perturba-o tanto, que resolve partir nessa tarde, em que todos foram merendar a um pinheiral visinho da aldeia, deixando todas aquellas pobres almas, sedentas de amor, mergulhadas mais tristemente na tristeza de não ter um noivo.

Rosario Pino, cuja companhia vacillou bastante na execução do delicioso quadro dos Quintero, reservou para si, no segundo acto, uma figura apagada e fugidia de cigana leitora da *buena dicha*, a que, como boa anndaluza que é, deu muita vida e animação, sem transgredir o seu sobrio processo elegantissimo, limpo de esgares, de exageros, ou de quaesquer artimanhas para armar ao effeito.



XLII—Segunda recita de Rosario Pino.

Las Flores. Comedia em 3 actos de Serafin e Joaquín Alvarez Quintero. Los Intereses creados. Comedia em 2 actos, 3 quadros e um prologo de Jacinto Benavente. (Theatro da Republica 2 de Abril)

UM viveiro de flores em Sevilha, onde, de mistura com as adelfas, os geranios, os jasmins e as roseiras, vivem, tentadoras, as filhas da proprietaria: *Consuelo, Rosa Maria, Angeles e Charito*, cada qual com seu feitio e destino, irmãs dos cravos e das petunias, e que todas, sendo mulheres, são como flores, no entender galante do velho avô, amigo ainda de echar flores:—*Flores... toas son flores... La que no es jasmin es clavé; la que no es clavé es asusena; la que no es asusena es rosa; la que no es rosa es campaniya... Toas son flores... de ahí no hay quien me saque.*

Rosa Maria fugirá com um tenorio de má morte; *Angeles*, toda santos e igreja, casar-se-ha com um sachristão, para o assustar com a sua fecundidade; *Charito* arranja noivo muito cedo; e *Consuelo*, flor de estremada bondade, mãe adoptiva dos filhitos de um irmão fallecido, virá a ter, no fiel amor do honesto *Bernardo*, o premio ambicionado da sua paixão tranquilla, ficando eternamente feliz entre as flores queridas do seu *Güerto e las Campaniyas*.

Tal é, em mui summario apanhado, o quasi nullo entrecho do quadro encantador e andaluz dos irmãos Quintero, *Las Flores*, uma das suas obras melhores, palpitante de observação e sentimento, cheia de cor e de vida, tocada de poesia, e rica em episodicas figuras, que, como aquella impagavel parrelha do pae e do filho ralaços, aos quaes custa até mexer um braço para se coçarem, são de um consummado humorismo.

Rosario Pino, que creou a obra no Theatro da Comedia, de Madrid, em 1901, tem no papel de *Consuelo* uma das suas corôas. E' todo um primor esse seu trabalho de ternura, de graça e de emoção.



Não me sobeja espaço para tratar com o requerido desenvolvimento da curiosissima obra de Jacinto Benavente, *Los Intereses creados*, que o auctor chamou *comedia de polichinelos*, introduzindo nella — com grande espanto do ruidoso publico lisboeta — algumas das velhas mascaras do theatro italiano: *Polichinello*, *Colombina*, *Pantaleão*, *Arlequim*, transformado agora em *Pierrot*, etc.

Adoptando o molde da *commedia dell'arte* — sem a sua improvisação, bem se entende — fugiu Jacinto Benavente mais uma vez á tradicção dramatica do seu paiz, mas compoz uma peça originalissima, em que a ironia mais funda dá por vezes a mão á poesia mais suave, como na canção de *Arlequim*, *El reino de las almas*, dita maravilhosamente por Rosario Pino, encantadora, como *Silvia*, no seu lindissimo traje amarillo bordado a perolas:

*La noche amorosa, sobre los amantes
tiende de su cielo el dosel nupcial.*

*La noche ha prendido sus claros diamantes
en el terciopelo de un cielo estival.*

*El jardin en sombra no tiene colores
y es en el misterio de su obscuridad,*

*susurro el follaje, aroma las flores
y amor... un deseo dulce de llorar.*

*La voz que suspira, y la voz que canta,
y la voz que dice palabras de amor,*

*impiedad parecen en la noche santa
como una blasfemia entre una oración.*

*¡ Madre de mi alma ! No es luz de tus ojos
la luz de esa estrella
que como una lágrima de amor infinito
en la noche tiembla ?*

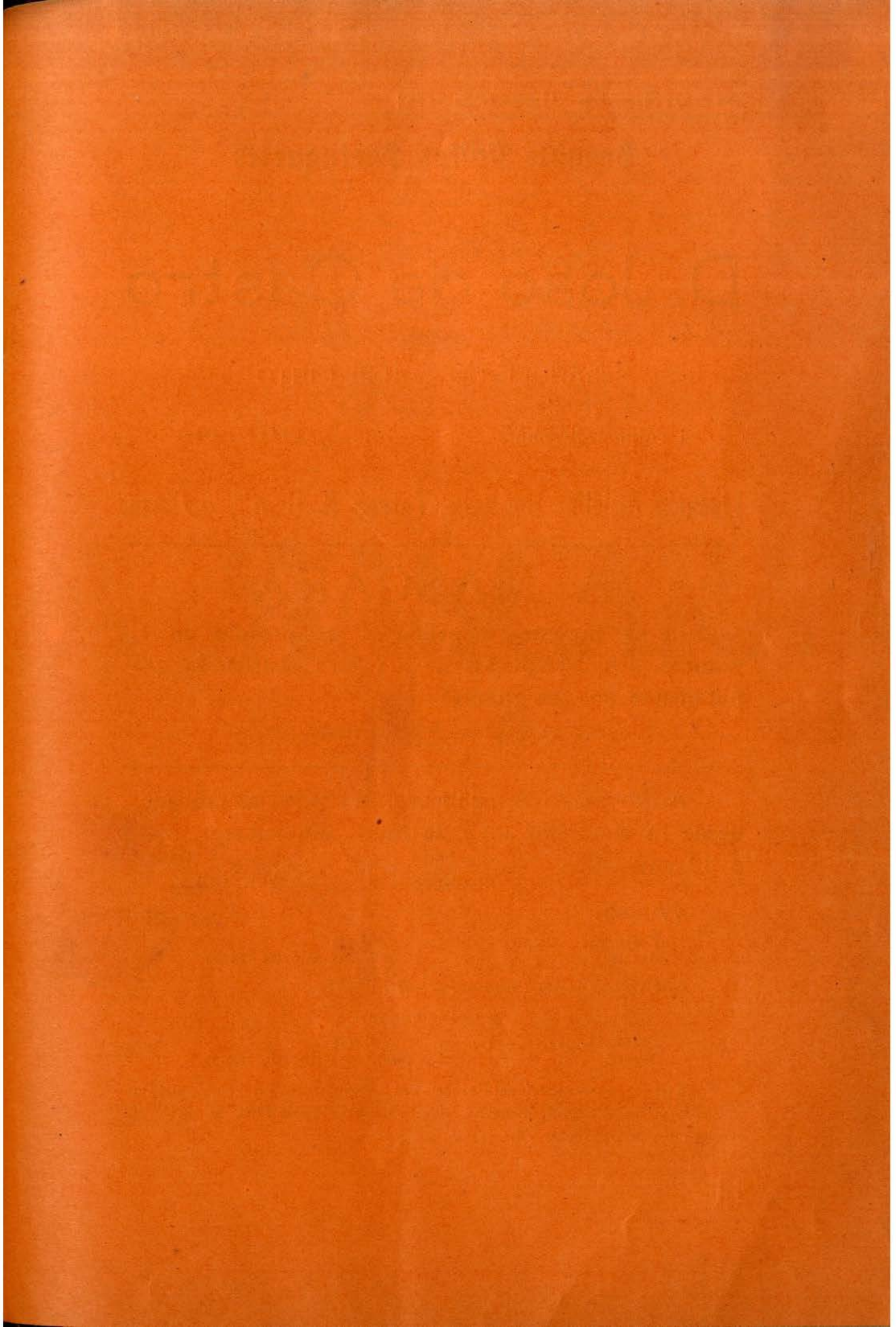
*¡ Dile á la que hoy amo que yo no amé nunca
más que á tí en la tierra,
y desde que has muerto solo me ha besado
la luz de esa estrella.*

Não basta a arte, é precisa a voz de Rosario Pino, para dizer esses versos como nós os ouvimos.

Eivada de conceitos e subtilezas, cujo sentido na audição por vezes se perde, a guinholesca comedia de Benavente, constitue uma satyra ao que podem no homem o elogio, a ambição, e os interesses. E' *Crispim*, um creado astuto e trapaceiro á maneira antiga, quem se encarrega de o demonstrar, fazendo com que *Leandro*, seu amo, um fidalgo arruinado, viva por uns dias vida de principe numa cidade italiana, aonde chegam, á custa dos embustes do servo, que, começando por lisongear um poeta e um capitão, acaba por lhe arranjar, casamento com a formosa e rica filha de *Polichinello*. Para isso, *Crispim* logrou um usurario, a quem extorquiou todo o dinheiro, e que o processa.

Quando, porém, se chega ao ajuste de contas, *Crispim* faz ver que nada ganharão com entrega-lo a elle e ao amo á justiça. Os interesses, que a sua sagacidade creou nos outros, aconselham-nos, na verdade, a procederem de outro modo, que será o unico de rehavermem, um o seu dinheiro, e os outros a consideração. E todos quantos invectivavam *Crispim*, reconhecendo a verdade dos seus acertos de patife, impõem a *Polichinello*, que dê a linda *Silvia* ao apaixonado *Leandro*.

Para avançar na vida, crear interesses, vale mais que crear affectos.



Novidade litteraria:

Grandes Vultos Portuguezes

I

D. João de Castro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

1 volume, brochado 400 réis

Livraria FERIN, Baptista, Torres & Com.^{ta}, editores

A MASCARA

Já se encontra á venda a reimpressão do 1.^o numero d'A MASCARA, que será distribuída gratuitamente aos assignantes.

==== Avulso, 50 réis =====

A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de Julho, em folhetos de 16 a 32 paginas.

PREÇOS

AVULSO:

Portugal. 50 réis
Brazil. 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adiantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal. 550 réis
Brazil. 2\$500 réis (moeda fraca)

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, Editora, BAPTISTA, TORRES & C.^{TA}, 70, Rua Nova do Almada. 74.